
AUTOBIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

Capítulo 10 – Mudança para Pouso Alto / Diário da Tigró (2ª Parte)

	Página
1 – MUDANÇA	2
2 – DOENÇA E DIETA DA MINHA ESPOSA MARIA	3
3 – DIÁRIO DA TIGRÓ – Segundo Caderno	6

Transcrito dos Diários do Vovô Zotinho e Tigró por:
José Nilton de Paiva e Joselisa Péres Queiroz de Paiva

Sugestões, comentários, críticas e/ou complementações (relatos e causos) favor enviá-los para:

E-Mail: joselisa@terra.com.br

Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 – Apto 15 - Bairro Gonzaguinha

CEP 11320-070 – São Vicente / SP

Tel.: (13) 3469-8004

1 – MUDANÇA

Minha esposa disse-me que queria ir para Pouso Alto. Falei com Alaíde, ela achou bom e disse:

- Tenho minha mudança toda em um quarto na Fazendinha. Eu vou à Pouso Alto arrumar uma casa para irmos para lá.

Chegando em Pouso Alto, ela disse-me:

- Arranjei a casa do Sr. Paiva em cima da farmácia. Estava alugada para o Coletor por dois contos e quinhentos por mês. No fim do mês ele desocupará a casa e pagaríamos o mesmo aluguel.

Alaíde arrumou o caminhão do Avelino. Veio na Fazendinha e levou a mudança dela. Com a ajuda da Bebé e Zuza, puseram tudo em ordem. No outro dia vieram no Carmo buscar a mãe. Ela foi de trem. Desembarcou na Estação de Pouso Alto, entrou no automóvel e foi com todo o cuidado. Ficou em baixo na casa da Bebé descansando um pouco. O chofer era o Joaquim Elísio, que esparramou pela cidade que trouxe a D^a Maria muito doente. O pessoal correu todo para visitá-la.

Encontraram-na na sala da casa da Bebé, sentada em um sofá, com um sorriso amável e com uma boa prosa, muito resignada e conformada. E o pessoal achou que ela não tinha nada. Logo chegou o Niquinho junto com o Sr. Paiva. Olhou os remédios e chamou o Dr. José Paiva Filho. Ele vinha quase todos os dias de Caxambu visitá-la. Dava receitas e muitas vezes trazia remédios.

VERSÃO DA TIGRÓ (Diário):

5 de Dezembro de 1960:

Papai e mamãe vão morar em Pouso Alto. Eu não estou gostando muito porque lá fica bem fora de mão. Mas tenho que concordar com a maioria. Mamãe não está passando bem e quer muito ir, porque lá ela pode comungar todos os dias. Isabel é que deu essa idéia e aluga a casa dela do segundo andar para nós. Alaíde e Zuza acham que é ótima idéia montar casa na cidade, pois já fica a espera do padre Arimatéia. De fato a casa é ótima, mas o lugar... Pouso Alto é bananeira que já deu cacho e não vai mais para a frente. Mas chega, eu devo me aquietar, pois nunca se pode falar dessa água eu não bebo. Mamãe estando lá, eu irei vê-la, mas farei meia volta antes do banco esquentar. Enfim, não devo de falar, pois lá é a terra adorada da mamãe, onde ela passou grande parte de sua vida e temos muitos parentes que moram em Pouso Alto.



Otacília, Niquinho, Tigró, Alaíde, Bebé, Dorinha, Goíca, Maria, Carmita

27 de Janeiro de 1961:

Bebé veio aqui e falou com o papai:

- *O Coletor que estava alugando a nossa casa do andar de cima saiu. Eu falei para o Zeca dar a preferência para o Senhor ir pra lá com a mamãe. Lá ela terá mais conforto e mais facilidade de assistência médica. O Zeca, com a farmácia, está ali mesmo. Também na parte espiritual a mamãe poderá comungar todos os dias.*

Papai e mamãe acharam ótima idéia.

Bebé me perguntou:

- *O que você acha Glorinha, da mamãe e papai irem para Pouso Alto?*
- *Acho ótimo.*
- *Você e a Zuza ajeitam bem ficarem aqui? Porque Alaíde também irá fazer companhia para a mamãe.*

- *É bom ela ir. Os meninos dela já estão estudando lá. Nós ficamos bem, Bebê. Ainda mais que o terreno da Alaíde está arrendado e o arrendatário é um ótimo vizinho. Posso contar com ele, o Zé Dotte. E também temos aí muitos camaradas: Jorge, Otacílio e Dirceu, com seus préstimos para os serviços.*

Dia 5 de fevereiro de 1961:

Mamãe despediu-se daqui da nossa casa da beira da linha. Eu e Alaíde a carregamos nos braços até a Estação. Ela foi de trem junto com a Zuza. Alaíde foi uns dias depois para ficar, ser a dona da casa e tomar conta da mamãe. Mamãe, graças a Deus, está passando muito bem e está gostando muito de lá, rodeada de conforto espiritual e material, junto com Alaíde, Bebê, os netos e o Sr. Paiva, que a tratava com o máximo de carinho e atenção, não deixava-lhe faltar remédios.

Os irmãos da mamãe, tio Joaquim, tio Vicente, tio Luiz, tia Donana, a visitavam quase todos os dias. Tio Teofinho morava em São Lourenço, mas ia seguidinho ver a mamãe. Tio Gabriel e tio Sebastião, que moram no Estado de São Paulo, também sempre vinham visitá-la.

Tio Niquinho continuava tratando dela junto com o Dr. José Paiva, sempre com muita atenção para com a mamãe. Padre Paulo levava comunhão para ela todos os dias e tentou abreviar a vinda do Zé lá de Roma, para ele alcançar a mãe com vida.

Papai passava a maior parte do tempo lá com a mamãe, mas não deixava de vir aqui, quase todos os dias, nos orientar, trocar idéias e contar as novidades. Então ele me disse:

- *Louvado seja Deus minha filha, está tudo muito bom. A sua mãe tem uma conformidade de dar inveja e Deus favorece as pessoas que são assim.*

Niquinho voltou a me dizer que ela pode morrer de um momento para outro. Eu escrevi para o José contando o estado de saúde de sua mãe. Ele respondeu-me com uma carta tão bem escrita, tão confortadora, que sua mãe até recuperou as forças, está mais animada, com esperança de ainda abraçar seu filho Padre, o ano que vem, em 1962. Para Deus nada é impossível

2 - DOENÇA E DIETA DA MINHA ESPOSA MARIA

Minha esposa fazia uma grande dieta: sal de jeito nenhum. De manhã ela tomava leite em pó e mingau de maisena. Para almoçar era arroz com chuchu sem sal. Padre Paulo dava o leite em pó vitaminado que vinha dos Estados Unidos. Ela gostava e tinha muita fé com o leite do Padre Paulo. Quando acabava a Alaíde comprava o leite ninho, mas falava para ela que era do Padre Paulo, o que ela ficava satisfeita.

Todos os domingos ela pedia e o Padre Paulo levava comunhão para ela. Lembro-me de um domingo que ela pediu à Alaíde falar com o Padre Paulo para trazer a comunhão. Alaíde chegando da igreja falou:

- Padre Paulo hoje não vem trazer a comunhão, porque ele vai celebrar missa fora.

Alaíde trouxe o prato de mingau e ela perguntou:

- O padre já foi?

Alaíde disse que não e ela não quis tomar o mingau, para esperar a comunhão.

No espaço de uma hora Padre Paulo mandou saber se ela ainda queria que levasse a comunhão. Ela disse:

- Quero sim.

E após mais meia hora ela comungou e foi tomar o prato de mingau contente e satisfeita.

Eu tinha deixado Glorinha e Zuza no Carmo, com a escola e o movimento do sítio. Eu ia para lá cedo e voltava à tardinha de trem. Eu chegava à tardinha, jantava e minha esposa chamava todos para rezar o terço. Reuniam-se todos os netos, os da Bebé e os outros. Moravam lá em cima com ela as duas filhas da Landinha: a Salete e a Fatinha, para estudarem no Grupo. Era costume, desde que casamos, rezarmos o terço, com todos que estavam em casa. Até os hóspedes ajudavam a rezar. E quando não queriam tinham que escutar. Os filhos e os netos rezavam com ela.

Uma tarde, chegando do Carmo, lá em baixo na farmácia, o Sr. Paiva me contou rindo, que o pessoal lá de cima saiu para estudar. A Maria José, com 3 anos, filha do Sr. Paiva, a caçulinha e muito ativa, viu a Alaíde descer a escada e sair. Maria José falou com o pai:

- Nossa, a vovó está lá sozinha!

E foi de carreirinha subindo a escada de gatinho e gritou a avó para abrir a porta. A avó levantou-se arrastando os chinelos e falou:

- A porta está aberta!

Mas a menina não tinha forças para empurrar a porta e perguntou:

- A Sra. não está com medo vovó, eu vim aqui ficar com a Sra.

Frei Filóteo visitava-a toda a semana. Às vezes ele ia de São Lourenço celebrar na Estação e trazia comunhão para ela. Um dia ele chegou lá em Pouso Alto, Maria estava no sofá picando fumo para fazer cigarros para mim. Ela fazia sempre, desde que casamos. Enrolava o cigarro e o acendia para mim, mas não fumava. Antigamente, reparava-se em mulher que fumava. Mas lá nos Pintos, na Casa Grande, a moçada toda fumava. Frei Filóteo sentou-se perto dela, quando ela estava picando fumo e disse:

- A faca não presta vizinha?

Ela riu e disse:

- Não, é que estão faltando forças. As forças estão acabando-se.

De vez em quando ela tinha as crises, espécie de vertigem. Ela foi ungida umas três vezes pelo Padre Paulo. Logo vinha o Dr. Paiva, olhava os remédios e trazia mais.

O seu quarto parecia um pedacinho do céu. Tinha uma marquesa grande que foi dos meus avós, perto da janela que dava para a praça. Na cabeceira, um quadro da morte de São José, que havia sido de minha mãe, o qual conservo até hoje no meu quarto. Do outro lado um bom rádio grande que ela ligava dia e noite na rádio Aparecida, para ouvir o Padre Vitor, Padre Murilo, “o cafezinho”, Padre Galvão da Marreta. Nos domingos, as 10 horas, ela ouvia a missa de Florianópolis/SC, celebrada por um bispo, o qual fazia uma prática muito bonita e explicava o evangelho muito bem. Tinha uma voz grossa. Ela chamava Alaíde para ouvir, a qual dizia:

- Tá na hora do papudo?
- O que é isso Alaíde. É o bispo fulano.

Eu, como já disse, passava o dia no Carmo. De noite, eu chegava em Pouso Alto e sentia a satisfação de chegar em casa e ver a resignação e conformidade dela que tinha a consciência tranqüila de ter o seu dever cumprido.

Morava para lá da igreja uma família pobre com três meninos que iam todos os dias lá em cima na porta e diziam:

- Me dá um pão pra mim Dona Alaíde.

Algumas vezes a Maria estava sozinha e tinha que levantar arrastando os chinelinhos, encostando pelas paredes, e levava o pão para eles.

Um dia de festa lá em Pouso Alto arremataram um quarto de leitoa e mandaram lá para mim. Alaíde deixou em cima da mesa e saiu. Maria levantou-se, encostando pelas paredes como era de costume, ela cada vez enfraquecendo mais. Estando com vontade de comer um pedacinho, pegou a faca, tirou um pedacinho magro e comeu. Alaíde chegando perguntou:

- Quem é que buliu na leitoa?
- Ela disse: – Fui eu.

Alaíde muito admirada e espantada:

- A Sra. comeu?

Maria riu e disse:

- Eu dei para os piroquinhos comerem.

Já se fazia quase três anos que Maria estava doente, vivendo milagrosamente, o que ela dizia: – A morte não dói, pois eu já morri umas 3 ou 4 vezes e tornei a viver. Com a vinda do Dr. Paiva quase diariamente e com a prontidão do Sr. José Mendes, que era dono da farmácia em baixo, com os comprimidos, remédios e injeções que ele mesmo aplicava imediatamente, na hora precisa. Ele vinha com o seu sorriso amável e dizia:

- Como é Dona Maria, nós precisamos dançar o carnaval.

Padre Paulo, vendo que ela estava perdendo as forças e que faltava um ano para o filho ordenar-se em Roma, foi no Rio de Janeiro, no Catete, e falou com o provincial dos padres barnabitas e pediu para o Arimathéia vir embora logo e se ordenar no Brasil, porque a sua mãe estava muito doente. Voltando do Rio, falou com Alaíde:

- O padre barnabita não deu importância ao meu pedido.

Alaíde contou pra Maria, a qual disse:

- Já dei Arimathéia para São José, ele tomará conta e Deus fará o que for melhor.



Zélia, Bebé, Alaíde, Zeca Paiva, Vovó Maria, Vovô Zotinho, Zé Nilton, Edmar, Maria José.

Passado uns dias ela recebeu uma bonita carta de Roma, do seu filho. Ele dizia ter rezado em intenção dela, junto com o Papa João XXIII, para que Deus abençoasse a todos e que tinha fé em Deus que por esses seis meses ele seria ordenado sacerdote e iria imediatamente para o Brasil, celebrar a sua primeira missa aqui em Pouso Alto. Com a leitura dessa carta ela melhorou bastante e pediu que amanhã ela queria ir à missa na Igreja, que era domingo. Pedi ao Nestor Passos que veio com o jipe e ela desceu as escadas, escorada pelas filhas Bebé e Alaíde. Padre Paulo, sabendo que ela queria comungar, mandou o coroinha por a toalha lá no banco perto dela e trouxe a comunhão para ela, Alaíde e Bebé. As duas não se separavam dela, sempre juntas e com todo o cuidado.

Nomeação da Zélia Paiva:

Tendo vindo de Barbacena, a Zélia Paiva, nossa primeira neta, filha do Sr. Paiva com a Bebé, com o diploma de professora, mas não havia vaga aqui no grupo de Pouso Alto. Sr. José Ribeiro Pires, prefeito pelo PSD, reeleito pela terceira vez aqui em Pouso Alto, pelo Sr. José Capistrano de Paiva, chamou a Maria de Jesus Negreiros, professora da Ponte do Carmo, que regia a escola Melo Viana e disse a ela:

- Se tiver 40 alunos matriculados, o prefeito pode nomear uma ajudante.

E José Pires nomeou a Zélia Negreiros de Paiva, que lecionou aqui por um ano, a qual nos alegrava bastante. Eu já não ia todos os dias no Carmo, pois Zélia, com seu gênio alegre, comandava o pessoal.

Um dia, chegando no Carmo, a Glorinha me contou que foram as três rezarem o terço no Gaspar. Depois de rezarem e após as cantorias e ladainhas, veio o garrafão de pinga e uma canequinha, todos iam bebendo. Quando chegou a vez da Zélia ela chupou a canequinha. A Glorinha falou: – Que é isso Zélia? – Uai, Tigró, isso não faz parte do terço?

VERSÃO DA TIGRÓ

FEVEREIRO DE 1962:

A maior é que a Zélia, filha da mana Isabel, a primeira neta do papai, vai ser nomeada professora aqui na Providência, junto com a Zuza. Isso dará um grande impulso para o nosso lugar. Aqui tem muitas crianças, um lugar de gente atrasada. É preciso mesmo uma professora formada para instruir e catequizar a tigrada. A Zuza não é formada, mas não vai perder o lugar. Ela já tem 10 anos de professora. O numero de crianças dá para as duas professoras. A grande vantagem é que a Zélia é de casa e a companhia dela será muito agradável.

A Zélia chegou e já começou a lecionar com quarenta e tantas crianças, louvado seja Deus. Tomara que seja sempre bastante freqüentada a Escola da Providência e que o Espírito Santo ilumine e esclareça a inteligência dos alunos e das professoras mana Zuza e sobrinha Zélia.

A Escola aqui está correndo bem. Zélia já cativou a criançada. Ela dá aula de religião duas vezes na semana. As crianças gostam muito dela. Acho que a Ponte do Carmo nunca possuiu uma professora tão boa quanto a Zélia. Ela dormia no meu canto, comia a comidinha que tinha, participava, tinha amizade por aí com a tigrada, tratava todos muito bem. Para mim foi uma aleluia ela ter vindo para cá. Mas claro, que para ela não era vantagem, uma menina linda, um poço de inteligência, ficar aqui no mato, convivência michuruca.

3 – DIÁRIO DA TIGRÓ – Segunda Parte

MARÇO/1961

Colheita de Batatas:

Dia 22 de março terminei a colheita de batata e estou deveras contentíssima. Reconheço a bondade de Deus e queria saber e expressar com palavras belas de gratidão, mas isso eu acho melhor é com o silêncio, meditando na grandeza de Deus e do íntimo da alma, mesmo com toda minha imperfeição, dizer com emoção: “Obrigada meu Deus”.

Passei uma semana indo todos os dias cedinho para o batatal do Cafundó, com 4 a 5 camaradas e um cargueiro para carregar as batatas para a casinha de campo do Dotte. Para mim não podia haver distração mais sublime, nem percebia o dia passar. A Zuza não me deixava passar fome. Às 10:30 horas íamos todos almoçar na sombra de uma árvore. Às 2 horas íamos de novo para a sombra saborear a merenda, que eu com todo o prazer distribuía para os camaradas, meus bons servos Jorge, Sebastião, Lourenço, Benedito e Maria de Sá. Graças a Deus eu os oferecia um farto lanche: mandioca, batata doce, farinha de milho, leite, café.

Mas o meu lanche eu trocava por um copo d’água que brotava da rocha ali pertinho, a melhor água aqui da redondeza. Mas só uma hora depois do lanche é que eu poderia saciar minha sede, pois fiz voto durante a quaresma de não tomar água antes das 3 horas. Com o sol abrasador eu poderia comer um boi com chifre e tudo, mas o que me faltava mesmo era a água.

Terminamos de arrancar as batatas. A terra ficou pronta para receber novas sementes. Agradei os camaradas e trabalhamos mais um pouco e plantamos meio alqueire de feijão. O serviço não acaba, quando se colhe uma coisa, já precisamos capinar e plantar outras.

ABRIL/1961

Chegada do Bispo à Pouso Alto

Acabo de acertar as contas da semana com os camaradas. Paguei a todos com gosto, pois esta semana fizemos a colheita de arroz e graças a Deus estou satisfeita. Dá para a despesa e talvez dê para vender um pouco. Também fechei uma big horta aqui na porta da cozinha, onde estamos formando o pomar.

Papai passou uns três dias aqui. Eu fiquei bem preocupada com o estado de saúde dele. Estava muito desanimado, sem apetite, tendo umas ânsias no último dia, não queria comer nada. Só por muita teima, na hora de ir embora, ele aceitou um ovo quente e um copo de leite.

Amanhã e domingo irei passar o dia junto de meus queridos pais. Que importa ser em Pouso Alto, eu estou sendo uma filha muito indelicada de passar um mês sem visitar os pais. Papai vem sempre aqui, mas mamãe não. Quanto ao lugar que eles deram a preferência para descansarem, quer eu goste ou não, devo me dedicar-me como uma filha que reconhece o quanto deve aos pais.

No dia 9 de abril fui para Pouso Alto. Lá vão todos bem. Eu fui para voltar no mesmo dia, mas como Pouso Alto teve a honra de receber a visita do Bispo de Valencia, Dom José Costa, o ex-vigário de pouso Alto. No tempo que nós morávamos lá, ele foi o nosso bondoso pároco.

Foi ele quem fez o casamento da Dorinha há 18 anos atrás e hoje ele foi elevado a Bispo. Por ser modesto e humilde, quis com sua visita trazer um pouco de paz e alegria aos pousoaltenses.

Pouso Alto sempre foi um lugar politiqueiro e sempre possui chefes miúdos, vingativos, que arrasam o pobre do povo. Agora, para piorar, o prefeito anda com rivalidades até com o vigário Padre Paulo. Para vingar deixou a cidade no maior abandono, a gente anda pelas ruas e tem medo de cobra, os animais encontram pasto. Mas com a notícia da chegada do Bispo, o Padre Paulo pediu a todos que colaborassem e limpassem a cidade para receber a Sua Excelência. Num instante, em poucas horas, foi uma limpeza. Homens, mulheres, crianças, com foices, enxadas, pás e vassouras, jogaram as sujeiras pro rio abaixo.

A recepção foi no largo em frente da casa paroquial. Mamãe me disse:

- Vai minha filha, vai beijar a mão do Bispo, eu sinto não poder ir.

Saí junto com a Zélia e recebi a benção do Bispo. Quando olhei lá para o terraço de casa, vi as cabeçinhas russas da mamãe e do papai.

De lá eles presenciaram tudo e eu pensei: – “Certamente eles estão com os olhos cheios d’água de emoção pensando no filho, que se Deus quiser, não demora a chegar o dia da festa de sua ordenação e a chegada do esperado Padre José de Arimathéia.”

Obras do córrego d’água, pomar e paiol:

Dia 12 de abril tive um dia cheio. Tive uma grande alegria. Consegui trazer o córrego lá de longe e dei com a água atravessando o pomar e vindo desembocar aqui no fundo, perto da porta da cozinha. Tenho motivo para muito me alegrar. Este serviço valorizou a Providência mais uns 50 mil cruzeiros.

Trabalhei uma coisa que valeu bem, mereceria ganhar o salário de 1 mês, pois quando falei para os camaradas, eles disseram:

- Isso é dar com murro em faca de ponta, é impossível aquela água vir até aqui aonde a Senhora quer.

Um deles ainda me disse:

- Se a água vier até aqui, lhe darei um ano de serviço.

Não dei importância aos dizeres deles. Não me desanimei. Pensei, hoje é quarta feira, dia dedicado à São José. Fiz uma fervorosa prece e mãos a obra. Até o almoço levei dois carrinhos de pedra e fiz a represa. Depois chamei o José Ferreira e falei:

- Roça e limpa com a enxada, da nascente até a represa.

Enquanto ele limpava, eu suei frio, mas dei com a água até onde eu queria.

Não foi muito fácil, mas acabei de ver, que com a ajuda de Deus tudo é possível. Basta dispor com boa vontade, que Deus nos ajuda. Teve alguns pedaços que eu dei razão aos camaradas, mas não desanimei. Precisei trabalhar com diversas ferramentas, ora com enxada para fazer a vala ora com machado para cortar as raízes, ora com enxada para tirar a terra. E a água vinha vindo muito bem e de repente dava com um buraco de formigas e sumia.

Eu arranjava pedras para entupir o buraco que roubava toda a água. Às 4 horas terminei o serviço e agüei as plantas para estrear o big poço no lugar onde eu queria.

À noite não consegui dormir de tanto cansaço, dor nas costas, dor de cabeça, com as mãos inchadas. Mas pensei: – “Isto não há de ser nada, o mais importante é que estou escutando o barulho da água aqui bem perto. Mais vale um gosto do que um milhão de vinténs.”

Quinta feira o papai chegou aqui e ficou até sábado. Assim que viu o córrego perguntou quantos camaradas gastei para trazer a água até aqui, quem foi o engenheiro que alinhou o valo, que o valo ficou bom, um bom serviço. Eu respondi toda cheia de si:

- Foi eu e Deus meu pai.

A tia Carmita, que me trouxe um saco de valerosos presentes pela data de meu aniversário que ocorreu no dia 9 de abril, também me deu os parabéns dizendo:

- Agora sim, você terá horta bonita. O essencial da morada é ter água perto. Agora falta você fazer um bom galinheiro e um paiol de madeira, não como vocês fazem todo ano de bambu amarrado com cipó.

Na última semana deste mês labutei bem, desde segunda até sábado. Eu e três camaradas desmanchamos duas casas e fizemos uma casinha de despejo e o resto da madeira está no lugar para fazer paiol, galinheiro e garagem para a charrete. Esta semana tudo ficará pronto, se Deus quiser. Uma das casas que desmanchei é a que Dorinha morou. Fiz isso para ver se desaparece um pouco da saudade que sinto do tempo que a casa era habitada por ela.

Discuti com papai porque ele quer que eu venda um pedaço da Providência para a Iolanda e eu não queria porque vender um pedaço desvaloriza a Providência e nem um nem outro fica servido.

Papai passou uns 10 dias sem vir aqui. Eu procurei fazer tudo do melhor modo possível e trabalhei bastante. Terminei a casa de despejo, o paiol, a garagem e botei os restos de madeira tudo em dia, guardei a madeira boa e separe a madeira para lenha, renovei os fechos, troquei os postes substituindo os velhos por novos de boa madeira e guardei uns 100 quilos de arame farpado que estavam em desalinho aí pelo terreno afora.

O pinguço:

Segunda-feira tia Carmita dormiu aqui. No dia seguinte eu e a tia Carmita tomamos o trem e fomos almoçar com a mamãe. Eu matei a saudade, papeei bastante. Quarta-feira viemos dormir aqui. Quinta-feira choveu o dia todo e passamos o dia lendo romance. Lemos até meia-noite e paramos porque um pinguço bateu na porta querendo entrar. Tia Carmita deu um salto da cama com tanto medo que até me fez rir. Zuza, como é resolvida e corajosa, conheceu o homem. Era o Tião Vito, conhecido aqui nas redondezas por ser pinguço e valentão. Zuza falou aqui de dentro:

- Vai embora Tião, isto não é hora de aborrecer os outros. Anda, vá embora.

Ele disse:

- Eu já vou, mas primeiro me dá um trago da branquinha que eu pago bem e não aborreço mais.

Tia Carmita tremia como vara verde. Zuza falou com energia:

- Olha Tião, não tem pinga e nunca mais vai ter e pode ir que eu não abro a porta.

Tia Carmita botou as mãos postas e começou a rezar. O homem ficou quieto e nós pensamos que ele tinha ido. Zuza abriu a porta e deu um grito que estremeceu a casa:

- O danado fez uma fogueira dentro do paiol. Apaga o fogo, oh raios!

Por um triz que não incendiou todo o paiol, casa, garagem e um montão de madeira. Eu e Zuza tivemos que sair e levar o homem até lá adiante para ficarmos em paz.

PEDIDO DE CASAMENTO

MAIO/1961

Olha meu caro, tenho algo importante para te contar. Começo dizendo que estou em vista de me casar. Não acha bom? Eu casando terei um companheiro, um braço forte para me auxiliar no progresso da Providência, ou será que terei que morar em outro lugar, como se diz, casou, mudou. O partido é bom, ainda mais que eu já tinha perdido as esperanças de me casar. Mas não ignoro que casar não é brincadeira. Eu não tenho medo de ficar solteira, por isso, se eu casar será bom, se não, ainda melhor. Vou rezar e pedir a Deus que faça o que for de Sua Vontade, porque ficar solteirona por comodidade ou para correr do sofrimento, isto é covardia. Por isso, seja o que Deus quiser.

Se você está disposto a me ouvir, lá vai. Domingo, ao meio dia, saí daqui para ir a reunião das filhas de Maria. Quando cheguei a casa da tia Carmita a Alda já estava pronta e nós fomos juntas para a reunião e adoração do Santíssimo. Quando voltamos estava um carro parado no portão da casa da tia Carmita e ela batendo papo com o motorista. Eu falei para a Alda:

- Olha Alda, quem está conversando com sua mãe, que bacanão, e ainda possui um fordinho novo.

Alda me disse sorrindo:

- Pega, é um partidão e é bem simpático.

Nisto, chegamos perto e cumprimentamos o Sr. Francisco. Quando ele saiu, eu brinquei com a tia Carmita, falei que fiquei com inveja dela. Ela me disse:

- Vem cá Glorinha, deixa eu te contar, o negócio é sério. O Sr. Francisco é um bom homem, eu o conheço há muitos anos, nós fomos criados quase como irmãos. Ele foi um bom filho, é um bom pai e foi bom esposo, é um viúvo retraído e muito bom homem. Ele acabou de me dizer que quer casar com você. Se você quiser eu direi a ele. Você pode conversar com ele e ver se você tem simpatia por ele. Você fará um casamento cem por cento.

Eu, com nunca tinha conversado sobre esse assunto, fiquei meio enchavida e disse:

- Se ele quiser eu quero tia, mas vou falar primeiro com meus pais e até o próximo domingo conversaremos sério, tá bom?

O sol vai sumindo no horizonte. Que linda tarde de um dia de estio: as verdes montanhas e os últimos raios de sol. Agora a pouco o Juarez saiu daqui a cavalo e me disse que pretende apanhar um gado dele ali no Pinhal. Ontem, quando ele chegou, o papai estava aqui e falou com ele:

- Juarez, você já sabe da maior, é que a Glorinha está querendo casar, que tal?

Juarez disse:

- Eu já ouvi falarem desse assunto, mas eu não acreditei. Então você está mesmo com coragem de submeter-se ao casamento Glorinha? Olha prima, casa não é casaca, não vá pensar que a vida conjugal é como a nossa vidinha sossegada e despreocupada como a vida de solteiro.

Eu, para dizer a verdade, estou sem saída, pois o Francisco não me sai da mente e o pior é que ainda não tive a oportunidade de falar sozinha com ele do melhor assunto, pois a irmã dele, que por enquanto não deve saber que o Chico quer casar comigo e aí é que tá, eu já fui dois domingos na casa dele, e não deu pra conversar. Mas não pretendo ir mais. O direito é dele procurar e se ele não vier, eu também não vou lá.

Ele sai muito pouco de casa e quando sai é sempre junto com a irmã. Por isso, sem que ela saiba do que se trata, eu não poderei me entender com ele, e se de fato a irmã se opuser e ficar contrariada com a realização do nosso casamento, eu não quero ser a intrusa dela, mas quem sabe se ela, como é muito boa, concordar do Chico casar comigo e ela continuar a vida dela do mesmo jeito e regendo a casa e amando sempre o Chico como irmã. Eu não a reprovo dela ter medo do Chico se casar, pois decerto ela tem medo de ser preciso separar-se do irmão. Eles vivem muito bem, ambos já são bem idosos. Ela é solteira e ele é viúvo e tem dois filhos criados. Eu, para dizer a verdade, estou bem influenciada. Acho que desta vez estou gostando de verdade do brotaço. De fato ele é bem simpático.

Tia Carmita estava me protegendo de umas conversinhas meia às avessas e ela me disse:

- Glorinha, eu te desejo que sejas feliz, como se você fosse minha filha, mas não quero que me chamem de alcoviteira. O Chico me pediu para dar a resposta se você quer casar com ele, mas eu não vou falar nada. Vou falar com o Niquinho ir conversar com o Chico.

Nisso chegou o tio Niquinho, Aláide, Zélia e Eloísa para irem à Pouso Alto. Tio Niquinho comprou um jipe, mas ainda não está sabendo dirigir. Pediu ao Eduardo que fosse com eles para ensinar o tio na direção. Eu, como estava de saída para cá, peguei uma carona até a Encruzilhada. Antes uns minutos da nossa saída, quando estávamos todos reunidos, a tia Carmita falou:

- Niquinho, ainda está meio em segredo, mas eu vou falar pra você ajudar a Glorinha. Sabe que ela está querendo casar?
- O que você quer que eu faça, Carmita?
- Ela quer que você fale com ele e dê um jeito deles conversarem para se conhecerem.
- Ele quem, Carmita. O Zé Pereira?
- Não, eu vou falar no seu ouvido, sei que você não é capaz de adivinhar. É o Chico.

Tio Niquinho disse, olhando para mim, na presença de todos que ali estavam:

- Ótimo Glorinha, casamento melhor não pode haver, se você quiser eu falo hoje mesmo. Você fica aqui e eu trago o Chico aqui quando eu voltar de Pouso Alto.

- Não precisa correr, deixa para outro dia. Nos vamos tratar do assunto.

Alaíde disse:

- A Glorinha, é muito geniosa e casmurra, tio Niquinho. O Chico também é e pode não dar certo esse casamento.
- Pode sim Alaíde, eles são casmurros, mas combinam. Ele é caseiro e a Glorinha também é. Quanto a irmã dele eu te afirmo que você pode viver muito bem com ela Glorinha. Ela viveu com a falecida esposa do Chico como se fossem legítimas irmãs. E sempre é bom ter um arrimo. Fica sossegada Glorinha, que talvez hoje mesmo eu falarei com o Chico.

JUNHO/1961:

Ah meu caro, eu fiquei tão desnorteada só por falar em casamento, que nem dei por fé que ha tantos dias nós não batemos um papinho. Mas como o meu casamento desmoronou, agora vamos papear à vontade. Não se assuste com a minha sobra, eu não estou apaixonada, eu estava apenas um pouco influenciada, mas comecei a pensar bem e acabei desistindo. Dei tudo por acabado, antes que eu ficasse gostando muito do broto. Eu rezei um bocado e pensei:

- Mironga, por que casar com o viúvo. É bem arriscado. A gente faz uma pergunta, como por exemplo: “Fulano, o meu coração é seu, e o seu é meu?” Ele responde: – “Nestes termos não, o meu a fulana já levou.”

E também como se diz, quem casa quer casa. E esse negócio de casar com viúvo e ter que morar junto com cunhada e enteados, não pode dar muito certo. Muitas vezes a gente casa pensando que vai arrumar um Cirineu para ajudar levar a cruz até o calvário e arranja um estrupício que nos faz curvar com o lenho antes de chegar ao fim. Esse negócio que é verdade a palavra de Deus: – “Deixarás teus pais e teus irmãos e seguiras teu marido”, eu não me conformo. Esse negócio de amor eu acho que não passa de conversa, porque em mim não existe a ferida do amor, nem Pedro, nem Paulo, nem Chico, nem Manuel, mas alto lá, existe sim, o amor de Deus. Também por amor de Deus quero amar todos os meus irmãos e se ainda for por vontade de Deus, que eu ame um para casar, peço a Deus que me dê uma boa sorte e se for para o bem da minha salvação ficar solteira, com a graça de Deus, terei ânimo para abraçar a minha vocação.

Muitos dizem que é bom casar para ficar amparada, mas às vezes é engano. Quantas coitadas que ficam viúvas cheias de filhos e sem meios para os educarem? E que futuro pode se esperar casar com um viúvo velho? Qual a vantagem de ficar amparada só por alguns anos e no risco de ficar viúva e com a responsabilidade dobrada para criar os filhos. Que fica amparada ninguém pode garantir, mas que acaba a maior riqueza que é a liberdade, isso eu mesma posso garantir. Tenho duas irmãs casadas com viúvos e as coitadas já comeram o pão que o diabo amassou. Deus não desampara ninguém. Eu não estou desamparada e me julgo a mais feliz das minhas irmãs.

Não as invejo por elas estarem casadas e nem troco o meu amparo pelo os delas. Graças a Deus eu estou muito feliz aqui na Providência e de hora em hora, Deus melhora e passemos a outros assuntos.

A vida apesar de tudo é bela, e para mim o meu mundo é aqui na Providência. Aqui não me falta nada, graças a Deus. Tenho uma boa vaca dando bastante leite, quatro porcos, 50 galinhas, umas botando, outras rodeadas de pintinhos, temos fartura de frangos, ovos, arroz, feijão, milho, verdura, legumes. Graças a Deus colhemos para a despesa. Todas as semanas a Zuza lota a charrete de cada coisa um pouco e leva lá pra casa de Pouso Alto. Mamãe, graças a Deus está bem melhor. O papai também está bom, tem vindo sempre aqui. Tia Carmita vem todos os sábados, dorme aqui e domingo eu vou com ela.

Tia Carmita me convidou para irmos a casa do Chico e aceitei o convite. Foi bom, papeamos até as 10 da noite, sobre vários assuntos, mas do tal assunto de amor, este ainda ficou para outra ocasião. Por isso eu não vou me afobar. Ele me parece um tanto quanto calmo e sossegado. Para casar não precisa correr, pois ainda somos muito jovens, ele com 62 anos e eu apenas com 30, e mais uns podemos esperar, idade para casar ou então para morrer.

Sábado tia Carmita veio e foi embora domingo de tarde.

Ela me falou:

- Glorinha, você precisa se casar. Você está muito sozinha, não está direito você vivendo assim. Você está até sem ao menos um bom vizinho. Eu, como sua tia e por te estimar como filha, te aconselho que não fique solteira. Eu acho que você deve pegar o Chico. Agora você não está querendo, mas se ele casar-se com outra, você pode se arrepender.
- É verdade tia, eu lhe agradeço por a Senhora me desejar toda a felicidade e lhe digo com sinceridade, amo o Chico e o admiro muito. Mas as circunstâncias me obrigam a esquecê-lo e não pensar em me casar. Também acho mais remediável arrepender-me de não casar do que depois que estiver casada.

Bate Papo com o Zé Dotte

Hoje, dia 13 de junho de 1961, fui cedinho lá no Cafundó. Fui com dois camaradas e levamos dois cargueiros para colher o milho. A roça deu 10 cargueiros. Eu trouxe tudo para cá. O Dotte me deu a parte dele. No mínimo ganhei 6 mil cruzeiros. Milho este ano está valendo ouro.

Ali pras 3 horas o Dotte chegou lá na roça, eu o convidei para saborear umas laranjas e nos sentamos à sombra de uma árvore. Ficamos pr algum tempo batendo papo. Ele disse:

- Ouvi dizer que você está querendo deixar a Providência. Você faz bem Glorinha, o Chico é um bom partido e você fica amparada.
- Qual nada Dotte, eu não deixo a Providência e acho que casar com viúvo é muito arriscado. Eu ajoelhei diante da imagem de Santo Antônio e pedi para ele me ajudar e que fizesse o meu casamento. Santo Antonio me respondeu: –“Minha filha, você é uma criatura de sorte.” Eu fiquei muito contente e perguntei: “– Por que meu querido Santo Antonio?” Ouvi as palavras e o gesto da linda imagem: – “Sua vocação é de ficar solteirona, para ter mais liberdade e dedicar-se aos seus sobrinhos.” Por isso Dotte, seja o que Deus quiser.

Ele riu e me disse:

- É Glorinha, eu não sei, mas na minha opinião, no seu lugar, eu casaria com o Chico. Por ele ser viúvo não faz mal. Ele só tem dois filhos, um está noivo e o outro logo termina o curso de medicina. Você poderia morar com a irmã dele. Até que é bom, ela te faria companhia e até poderia te ajudar muito. E se for sorte e da vontade de Deus, eu faço votos que seja feliz. O fim da vida é triste e amparada com o apoio do esposo é bem melhor. Criar os filhos é muito mais interessante do que os sobrinhos.

Daí conversamos outras coisas, sobre a carestia de cereais, aves, ovos, porcos, gado, tudo por um valor infinito:

- Olha Dotte, eu acho a crise de hoje muito melhor do que em tempos atrás. Hoje, se ficarmos devendo 100 mil cruzeiros, paga-se com facilidade. Antes, se você devesse 50 mil réis, para pagar era preciso vender uma tropa de tudo que tinha. Digo tropa porque naquele tempo nem caminhão de transporte existia. Eu me lembro quando o papai colhia 300 a 500 cargueiros de milho e vendia por 5 mil réis cada um e ainda era difícil achar comprador. Ele fazia uma grande engorda de 200 capados e mandava pro Rio por 10 mil réis a arroba. Vendia uma capoeira de galinhas a 1.200 réis o quilo e era um bom preço. Uma vaca precisava ser muito boa para valer 500 mil réis. Leite, a Nair, que era a maior consumidora, pagava 200 réis. Havia muita fartura naquele tempo. O povo trabalhava na terra mais do que hoje. Mas eu acho, agora no presente, com todo o custo de vida, muito melhor do que antes. Você se lembra quando éramos pequenos, milionários que a gente ouvia falar, era só o Coronel da Barra e o nosso bisavô pai do Vovô Sebastião. Hoje, como você está vendo, quase todo mundo é milionário. Você pelo que vejo não demora vai ser dez vezes milionário. Ó o gado e a porcada, você não dá por dois milhões. O acréscimo e a valorização foi uma mão na roda, não só para os “charbagadores”, mas também para os fazendeiros criadores e os lavradores. Hoje tudo tem valor e se adquire o capital com facilidade para fazer grandes investimentos. Eu sei que você já investiu aqui na fazenda mil e tantos cruzeiros, mas do couro sai a correia. Só a renda do leite você já está recebendo cinquenta mil por mês, a colheita de milho a mil e duzentos, você colhe mais de cem cargueiros. E ainda tem as batatas, feijão, bezerrada, leiteada, cada vez progredindo mais e valendo mais, pois a estas alturas, até eu, Dotte, já me julgo milionária. Não sou capaz de dar a Providência por um milhão.

- É Glorinha, está tudo muito bom para quem tem para vender, mas eu não ando mais tolerando trabalhar no comércio. Eu fico pesaroso quando chego lá no armazém e vejo um pobre pai de família com cem cruzeiros para comprar de tudo um pouquinho. O coitado não pode comprar um quilo de feijão.

Eu me aquietei e vi o quanto o Dotte é caridoso e tem bom coração. Não são todos que tem a felicidade de ter um pedacinho de terra para trabalhar e tirar o sustento, o pão nosso de cada dia. Mesmo por aqui se vê mães que o filho pede pão e ela não tem senão as lágrimas. Como deve ser duro isto para o coração de uma mãe. Para mim está tudo muito bom, porque nunca não me faltou nada e não tenho filhos para me pedir pão.

Outubro/1961 – Rompimento

Está vendo meu caro, o mês de setembro já se foi e estamos já em meados deste e o que eu tenho para te dizer não é lá muito agradável. Sabe que até estou sem assunto, mas sinto necessidade de falar para desabafar e não encontro solução melhor do que falar aqui com você. Ontem papai veio aqui e tivemos uma conversa séria sobre o meu casamento com o Chico. Esta noite, pensei em tudo o que papai me disse, até agora sinto arrepios.

Eu já não estava tocando mais nesse assunto, mas a semana passada o Chico tornou a falar e mandou tia Carmita vir aqui para propor-me o casamento. Então eu disse a ela: – Diga a ele que domingo eu vou à missa e que é para ele tirar o carro da garagem e vir me trazer até aqui em casa e por mim podemos ficar noivos.

Daí, fui lá em casa falar com o papai e mamãe. Mamãe me disse:

- Meu coração não pede que este casamento se realize minha filha, e seu pai não acredita que você quer realmente casar.

Eu ouvi papai dizer sozinho:

- Se Deus quiser, não casa.

As manas, cada qual pior, não são capazes de me dar um bom conselho, ainda riem e zombam de mim.

Eu piquei a mula de casa bem desnorteada. Passei por São Lourenço e fui fazer uma visita ao Chico, que estava gripado. Vim embora firme de encontrarmos domingo, que seria hoje, mas com os dizeres do papai ontem, eu tomei outra resolução e não quero saber mais de conversa. Sei que papai veio aqui só para falar o que falou. Seja o que Deus quiser, acho melhor desistir de uma vez de casamento para evitar maiores aborrecimentos e ouvir o papai me dizer:

- Eu sou seu pai e hei de falar enquanto eu for vivo. Não posso deixar você casar com um velho da minha idade, viúvo, que tem filhos.

Eu já estou habituada a decepções. Semana passada tive uma daquelas. Comprei um casal de porcos e um cargueiro de galinhas. Eu já ia matar um capado para vender e fazer o pagamento da compra, mas papai chegou sexta e não deixou matar o capado. Ainda me deu um pito. Falou-me que estou ficando muito exibida, que faço o que bem entendo, sem sua autorização. De fato, às vezes faço alguma coisa sem comunicar-lhe, mas não com muito de mandona, mas sim para ajudar. Mas papai é meio ditador, ele é que tem que resolver todos os problemas, como ele quer e não gosta do apoio dos filhos. Resolve tudo sozinho e se a mulher ou uma das filhas der palpite num negócio, aí é que ele faz o contrário.

Mas graças a Deus posso dizer que tenho um pai cem por cento, que tem um excelente coração. Se um pobre lhe pedir a roupa do corpo ele é capaz de tirar e dar. Também eu não faço questão de mandar, prefiro muito mais obedecer e já estou habituada a receber o contra do papai quando quero fazer uma coisa qualquer. Por isso, deixo o barco rodar, seja o que Deus quiser.

Por falar em barco, faz quatro meses que não chove. Lavoura que é bom, neca. A carestia está de dar medo. Se Deus não mandar chuva, não sei o que será de nós. Até outro dia.

Visita do Frei Filóteo

Hoje, dia 24 de junho de 1961, sábado, dia de São João. Ontem eu fui rezar um terço ali na casa do vizinho Dito Graciano. Depois do terço ele me disse:

- Nós íamos sambar, mas meu sogro está passando mal, por isso o baile fica para outra vez. Se você puder, faça-me o favor de pedir par vir um padre para confessar o meu sogro.

Hoje levantei cedo e pedi ao Agente da Estação ver se o Frei Filóteo poderia vir. Frei Filóteo chegou no expresso e atendeu o velhinho e almoçou aqui comigo. Quando a mamãe estava aqui ele sempre vinha trazer a comunhão e gostava de bater papo com a mamãe. Sempre trazia mais partículas de hóstias e nós todos comungávamos, umas vinte pessoas: a Dorinha com a tigrada, papai, Zuza, Alaíde e os dois tigrinhos.

Mas desta vez o padre não achou bom ter que ir mais adiante até a casa do doente, caminhar a pé dois quilômetros. Eu fui junto com ele na ida e volta até aqui em casa. Ele não falou nada, mas quando entramos aqui em casa, ele me disse:

- Cadê o pessoal dessa casa. Antes aqui havia muita gente, como está triste, diferente isto por aqui.

Nisto chegou o Dito Graciano para agradecer e o padre perguntou se ele era meu esposo. Eu respondi:

- Santo Antonio ainda não me achou suficiente para possuir um esposo, padre.

Dito falou depressa:

- Eu sou o genro do confessor e vim vos agradecer por ter vindo curar a alma do meu sogro e muito agradecer a Glorinha por ter desempenhado tão grande favor.

Eu pedi ao Dito para pegar o cavalo castanho e arrumar a charrete para levar o padre.

Eu estou tendo que pular como bombinha, pois eu estou sozinha. A Zuza está veraneando. Papai ficou aqui uns três dias, mas ontem pegou o tope. Tia Carmita vai fazer uns quinze dias que não aparece por aqui. A Alda está para Cruzeiro, ela foi operar a vista. É provável que ela fique por lá uns dias. E eu vou ficando por aqui, se não fosse a Maria de Sá eu acabava ficando sozinha. Felizmente ainda me resta a Mariquinha, que faz tudo murmurando e resmungando, mas ela me vale muito, só de fazer-me companhia, já está pra lá de bom. Para vigiar porco na horta e buscar as vacas ela substitui o saudoso Carranca. Para andar eu não encontro pareia para ela, anda mais que avião. Quando saímos juntas, ela me deixa para trás.

O Baile:

Está um luar que é uma maravilha e ali, a uns três quilômetros, vai haver um bailão. Eu é que não vou perder. Vou fechar a casa e convidar a Mariquinha e vou sambar. Até lá pra semana que vem, lhe direi o que sucedeu. Boa noite.

É, o resultado do baile de São João não foi nada bom. A danadinha da Mariquinha fez minha caveira ao papai e ele ficou em ponto de bomba. De fato, eu analisando bem, fiz uma burrada, mas não me arrependi. Dancei a noite toda com o Sarvianinho, um big caboclinho, tanto bonito, como bonzinho. A valsa da meia noite, dançei com o Zequinha, esta sim, valeu pra toda noite. O bolero da despedida, as 6:30 horas da manhã, dancei com um brotaço lá da Serrinha, nem sei o nome dele, mas posso dizer que ele dança uma coisa direita.

Domingo, quando aqui cheguei, fui direto para o curral, estava em cima da hora de tirar leite. Quando fui fazer o almoço estava com tanto sono que pus açúcar no arroz pensando que era sal. O dia todo passei caindo de sono, mas não tive um minuto sequer de tempo para dormir. Toda hora chegava visita. Zuza também chegou. Contou-me as novidades e aventuras dela nos passeios que fez por esses dias. À noite ainda fomos à Fazendinha e sambei até meia noite.

Papai já pegou o tope. Ele tem vindo a cavalo, o deixa do outro lado do rio e atravessa de canoa. Eu não estou gostando nada disso, a idade do papai não mais permite fazer estas aventuras. Mas papai é muito teimoso e não tem medo de fazer certas aventuras, que podem resultar mal. Mas enfim, seja o que Deus quiser.

Hoje já estou aqui, só com a Mariquinha. É dia de São Pedro e não posso ir à missa. Papai deu-me ordem para não deixar a casa sozinha, principalmente para ir ao baile. Mas eu é que não vou perder um sambinha aqui na roça. Tia Carmita me disse que se o Chico souber, eu perco o casório. Papai disse o mesmo. Que eu perca o casamento, mas perder um bailinho aqui é que eu não vou perder.

AGOSTO/1961

Contrato de Arrendo com Zé Dotte:

Todos nós necessitamos encontrar um refúgio para as pressões, angústias e mesquinhas monotonias da vida. Eu o encontro aqui mesmo, não preciso ir longe. Em meu quarto contemplo o crucifixo e um lindo quadro da Santa Face de Jesus, presente de minha mãe. Outra hora, no pomar ou na praia à beira do rio Verde, encontro refúgio para desaparecer toda a angústia que invade minha alma.

Com Deus tudo é bom, graças a Deus papai e o Dotte fizeram pleno acordo do negócio do arrendo. Dotte convidou tio Zé Bartolomeu, tio Niquinho, tia Carmita, Gabriel e foram lá na casa de Pouso Alto. Lá fizeram o acordo, escreveram o Contrato, o qual foi assinado por papai e Alaíde. Dotte deu uma Letra de quinhentos contos do gado e pagou os juros. Eu prometi para ser arrumado este negócio na maior ordem e na paz de Deus, a distribuir aos pobres o meu peso em gêneros alimentícios e pão. Isto farei com toda a gratidão.

Superstições:

Ontem foi primeira sexta feira e fui à missa. Gostei muito de ouvir o Frei Boa Ventura. Ele alertou os católicos que o espiritismo, macumba e feitiçaria não passam de tapeação, que o espírito é a pessoa sugestionada que vê o que não existe. Falou também das superstições, que não passam de paganismo.

Muitas bobagens, como por exemplo:

- levantar com o pé esquerdo trás azar,
- oração à São Cipriano para obter fortuna e achar dinheiro,

- engolir um raminho de alecrim ao por do sol para obter saúde,
- dar leite de três Marias para o filho é bom para bicha,
- passar o rabo do gato três vezes no rosto cura dor de dente,
- socar Santo Antonio no pilão para casar,
- galo cantar na porta vem visita,
- jogar sal no fogo faz a visita ir embora,
- pendurar ferradura atrás da porta dá sorte.

Ele disse o nome de muitas orações supersticiosas que os católicos não devem acreditar. Eu tenho o costume, meio de brincadeira, de contar urubus. Agora não vou contar mais, para não ser supersticiosa e nem brasileira burra.

OUTUBRO/1961

Chegada da Chuva

Graças a Deus a chuva chegou. Agora podemos plantar. O arrozal está com outro aspecto. Eu estava com medo do que aconteceu com o batatal. Com a seca, nem nasceu. Perdi uns 14 mil cruzeiros. A lavoura sempre tem dessas coisas. Mas não podemos de desanimar. Como diz o papai, Deus ajuda quem trabalha. Deus pode tardar, mas não falta. Perdi o batatal, mas se Deus quiser recupero com o arrozal. O custo de vida está dureza, nem queira saber. Milho, feijão, arroz, banha, a cada dia sobem o triplo. O nosso milho está por um triz para acabar. Eu já ensinei as criações a comer mandioca, só isto pode substituir o ilho. Os porcos comem que dá gosto, as vacas, nem se fala, as galinhas não deixam perder uma casquinha.

NOVEMBRO/1961

Chegada da mana Terezinha

Terezinha, Chiquinho e a criançada chegaram do Paraná e a noite toda foi pouca para papearmos. Agora Terezinha vai morar em Itajubá. O antigo patrão do Chiquinho o chamou para trabalhar na Gráfica Bem Bom. Terezinha não gosta mesmo do Paraná e por isso está de novo na terra, morando perto dos parentes. Ela sempre diz:

- A vida é tão curta. Para que morar tão longe!

Ela, coitada, está atravessando uma fase perigosa. Nove filhos, todos pequeninos. O mais velho está apenas com onze anos, tem três de colo. O mais novo está malíssimo, coitadinho. A Alda quando viu o estado do menino, ficou tão impressionada, começou a chorar e disse: – Pobrezinho, está na pele e osso!

Combinei com a Terezinha de amanhã ela ir para Pouso Alto tratar da saúde do menino e os outros ficariam aqui comigo e a Zuza. Os filhos dela são oito garotos e uma garota, quase que dá um time

No dia 15/11/61 a Terezinha já foi embora, deixou aqui dois filhos dos menores: Moacir e Marcílio, o caçula. Depois de um tratamento sério que fez em Pouso Alto, ficou bonzinho.

DEZEMBRO/1961

Aniversário da Mamãe / Natal

Hoje é aniversário da mamãe e eu não vou poder ir lá. Ontem estavam aqui os filhos da Alaíde e a turminha da Isabel. Vieram passar aqui o aniversário da Mariquinha. Hoje foi todo mundo para festejar o da mamãe, mas eu não posso ir. Preciso olhar a Providência que não pode ficar sozinha. Tenho que cuidar da casa e tratar das criações. Alaíde mandou-me avisar que a cesta de natal já veio e que ela já encomendou duas leitoas e um cabrito e que é para eu mandar 10 frangos bem gordos para festejar o natal. Eu faço idéia da festança, para que tudo isso? Que exagero, quantos pobres fazem grande sacrifício para porem nos sapatinhos dos filhos uma castanha. Nós católicos sabemos que o que sobra dos ricos o pobre tem direito, mas infelizmente todo rico acha que nunca sobra.

Se eu pudesse fazer uma festa para os pobres da minha redondeza, na ocasião do natal, eu faria, mas sempre acontece, e como diz o caboclo: – Em festa de nambu, jacu não vai! Vou mandar os frangos, mas vou ficar por aqui mesmo. Irei assistir a missa do galo em São Lourenço e pedir para o Menino Jesus nascer em nossos corações. Um feliz natal para todos nós!

Hoje, dia 28/12/61, já peguei firme na capina da roça. O feijoad está um espetáculo. O milho está uma maravilha. Se não houver nenhum contratempo a roça está prometendo uma colheita cem por cento. Como diz o papai, Deus ajuda quem trabalha, não colhe quem não planta.

Procurei passar o Santo Natal, mas infelizmente não fui à missa. Fiquei doente, não arredei daqui. Alaíde mandou-me uma cesta superlotada de apetitosos ingredientes: leitoa, frango, doces de toda espécie, uva, castanha, um garrafão de vinho. Quando vi tudo aquilo, mandei a Maria dar uma volta pela vizinhança convidar todas as crianças para vir aqui. Num instante chegou a criançada. Aqui até ficou parecendo um pedacinho da África, criolinhos pelos quinze cantos da casa. Botei a mesa. Antes reuni a todos e rezamos o terço em ação de graças ao Menino Jesus.

JANEIRO/1962

Ano Novo

Passei o Ano Novo em Pouso Alto, junto com papai e mamãe. Fui a missa, fiz uma fervorosa confissão e uma santa comunhão. Depois da missa eu, Zélia, Isabel e Sebastião chegamos em casa. Papai, mamãe, Alaíde e os meninos estavam dormindo.

Nós fomos para a cozinha, tirei do forno uma travessa de arroz, um quarto de cabrito, um cuscuz, abri uma garrafa de um finíssimo vinho e ceiamos à vontade. Maria de Sá também tomou parte da ceia, mas com uma cara de onça por eu ter-lhe chamado a atenção por ela arranjar um namorado preto e ficar até tarde papeando com ele, alta madrugada. Já de manhãzinha o vinho nos trepou: Maria de Sá emburrou, Zélia começou a declamar uma linda poesia, pelo amanhecer Isabel deu para rir, Sebastião deu para ficar quieto e eu, nem sei o que fiz.

Daí, tomei a benção dos meus pais, chamei a Maria e peguei o tope. Cheguei na Estação caindo de sono. O trem estava com grande atraso. Quando cheguei a Zuza já tinha voltado da missa e o almoço estava pronto. Depois do almoço eu e Maria puxamos o ronco.

Hoje levantei cedo e peguei firme na labuta. A lavoura está bonita. Semana passada vendi oito mil cruzeiros de galinha e o galinheiro ainda está cheio. Fechei mais um big porquinho para engordar e apanhei quatro cachos de banana.

Venda de um pedacinho da Providência:

Papai, coitado, tem passado já uns dois anos acompanhando a doença da mamãe. Coitada, ela tem passado bem mal. Ele não tem tido sossego. Não pára nem cá nem lá. Quando está aqui fica preocupado com a mamãe. Quando está lá fica preocupado comigo e Zuza aqui sozinhas.

Mas Deus é bom, ele sempre recebe belas e confortadoras cartas do seminarista Fernando e do filho. Está por pouco, se Deus quiser, de papai e mamãe abençoarem e receberem as bênçãos do seu filho padre.

Ah, eu já ia me esquecendo. Vou vender um pedacinho da Providência. Resolvi isto porque sei que causa uma grande alegria ao papai colocar José e Iolanda aqui perto de nós. Vou vender para eles e seja o que Deus quiser. No dia 28 passei a escritura dum pedacinho da Providência para o José Ferreira e ele já está beneficiando o terreno e vai fazer uma casa.

Passei três dias com a mamãe. Ela, graças a Deus teve uma boa melhora, está passando bem. No dia 27 foi aniversário do papai e até o Chico esteve em casa. Eu estava lá e fiquei toda nervosa com a chegada do Chico. Será que isto é o tal do amor? Se amar é isto, não é nada bom como o pintam.

MARÇO/1962:

No dia 22 deste a Terezinha chegou aqui com a turminha dela. Ela vai morar em São José dos Campos. O Chiquinho está trabalhando lá. Zé Ferreira também está querendo mudar para lá e se isto acontecer eu volto a ficar com o pedacinho de terra que vendi para ele. Felizmente eu ainda não assinei a escritura. Eu concordei em vender para ele fazendo um grande sacrifício e para obedecer ao papai que a muito tempo quer colocar José e Iolanda aqui.

Não acho justo o papai querer que eu venda um pedacinho da minha Providência, mesmo sendo para minha irmã e ainda mais que o Ferreira quer o terreno não para se colocar, mas para negócio.

Ainda bem que Deus me esclareceu em tempo. Ainda que eu fique sem palavra, mas ainda está em tempo. Poderia me arrepender se vendesse e se ele mais tarde vender para um de fora e ser ruim tanto para mim, como para a Alaíde. Que Deus nos livre de um mau vizinho.

ABRIL/1962:

No dia 5 deste o Zé Ferreira veio aqui. Eu lhe perguntei se ele não vinha morar aqui. Ele me disse:

- Não, eu pretendo ir para São José. Aqui eu quero para negócio ou para deixar de reserva, caso não dê certo minha residência na cidade.
- Nesse caso, Ferreira, eu desisto de fazer o negócio. Não está difícil para arrepender. Eu ainda não assinei a escritura. Eu mando cancelar.

Eu soube que ele e a Iolanda foram lá em casa e falaram para o papai vir aqui e me mandar assinar a escritura. Papai veio, mas acho que ele ficou sem coragem de me obrigar a isto, apenas me deu algumas indiretas dizendo:

- Você não está querendo assinar a escritura minha filha? Eu estou com 65 anos e nunca voltei atrás com a minha palavra.

Eu tratei de desconversar e ficou por isso.

Passei uma semana horrível. Como é triste a indecisão. Pedi por todos os santos para me acudir nesta situação. Por fim tomei uma decisão. Ontem tomei o trem e saltei em frente a casa do escrivão e pedi para ele cancelar a escritura. Ele me disse:

- Você está certa. A época em que estamos atravessando não devemos vender terreno. O dinheiro está desvalorizando cada vez mais. Você pode ficar sossegada que eu vou arrumar isto para você.

Daí peguei uma charrete e fui lá para casa. Chegando lá estavam papai e mamãe. Alaíde estava para a igreja dando catecismo. Puxei uma cadeira e me sentei ao lado deles. Depois que papeamos um pouco papai me deu um Lar Católico e me disse:

- Leia este capítulo, acho que você não conhece o valor da caridade.

Eu li em voz alta e após a leitura eu disse:

- Papai, eu pensei e rezei nove dias e acabo de sair da casa do escrivão para desistir de dar a escritura ao Ferreira.

A bomba estourou. Papai não esperou eu terminar a frase. Deu um salto da cadeira e se colocou na minha frente com toda a cólera e uma pilha de nervos:

- Que horror. Você parece mais louca que a Maria de Sá. Eu nunca me julguei um filho emancipado e será que você, por possuir um pedacinho de terra, acha que não precisa mais prestar obediência? A boa filha não se emancipa. Eu sou o seu pai e você tem que dar a escritura.

Mamãe, com toda a meiguice, disse:

- Zotinho meu velho, não fala assim. Eu acho que não convém mesmo ela vender. Deixa que desista.
- Não deixo. Agora o negócio está feito. Ela tem que dar a escritura e não fazer o pai de Mané de Jaca.

Eu me encorajei com os dizeres da mamãe e disse:

- Se Deus quiser meu pai, está desistido.

Eu fui para ficar lá uns dois dias, mas com a tempestade do papai, tratei de pegar o tope. Quando fui tomar a benção do papai ele me disse:

- Vai andando que eu te alcanço. Vou com você até o escrivão para você assinar a escritura.

Desci as escadas, eu com as vista turvas por causa das lágrimas. A Isabel segurou no meu braço e me disse:

- Glorinha, nós precisamos ser muito dedicadas ao papai. Todo carinho para com ele é pouco. Ele está tão doente quanto a mamãe. Mas vai com Deus, que Ele saberá resolver o que for para o bem. Se o papai for no escrivão, você deve assinar. Mas eu vou fazer o possível para conformar o papai. Vai com Deus Glorinha, que Deus te acompanhe.

Parti, olhando sempre para trás, mas papai não apareceu. O trem chegou e ele não.

Ah meu caro, não queira saber o quanto custou passar esses 15 dias. Quase todas as noites eu perdi o sono de pensar como me desculpar da desistência do negócio com o Ferreira. Papai não me obrigou a dar a escritura, mas anda tristonho e com pouca conversa comigo.

Antes nós batíamos tanto papo. Nós dois até parecíamos dois irmãos bem combinados.

Todo negócio que ele estava para fazer ele vinha me dizer e se eu achasse que não era conveniente, eu lhe beijava as mãos e lacrimosa lhe pedia: – Por favor papai, não convém fazer isto. E ele, com todo o carinho, dizia: – Está bem, não farei minha filha.

Todos os planos, tanto lavoura, assim como compra ou venda de porcos, galinha ou gado, era nós dois que resolvíamos. Agora faço mil e uma perguntas, papai dá de ombros, sem o mínimo interesse. Eu lhe disse, pensando em ser aplaudida:

– Papai, ofertaram-me vinte mil cruzeiros para os dois capados e me ofereceram cinco porquinhos no ponto de seva por dois mil cruzeiros. O que o Sr. acha?

Ele respondeu-me secamente:

– Faça o que quiser, contanto que fique feito.

Ah meu Santo Onório, como essas diretas do papai me entristecem. De que me vale toda a Providência, sem o apoio e a concordância do papai. Mas seja como for eu não sinto ter desfeito o negócio. Pior seria se o Ferreira vendesse para um mau vizinho e tanto eu, como papai e Alaíde ter que sujeitar rabugice sem ter remédio, porque já estaria vendido. Ah meu Divino, não deixa o papai perder a confiança que sempre depositou em mim.

Ferreira esteve aqui. Após uma longa conversa com papai ele sentou-se ao meu lado e disse-me:

– Então Glorinha, está desistido o nosso negócio. Eu pensei que estava lidando com gente de casa, não esperava por isso. Hoje é 26, no dia 1º eu venho aqui buscar o dinheiro e a letra que te dei, para eu fazer outros negócios. Hoje em dia a gente tem que negociar na dura palavra. Não resolve nada eu aliviar de ter exigido a sua assinatura no dia que eu e seu pai fomos ao Fórum.

– Ferreira, há males que vem para o bem. Por isso é que nós não vamos brigar. Pode vir buscar o dinheiro. Pagar-lhe-ei todas as despesas, não quero o seu prejuízo. E se você quiser vir morar aqui, te ofereço a morada.

No fim de fevereiro papai quase morreu. No ultimo dia que ele esteve aqui, veio de jipe até o alto e acabou de chegar a pé. O sol estava muito quente e aqui na chegada ele caiu no córrego. Com o cansaço o mal foi rápido. À tarde ele foi embora bem doente. Passou mais de uma semana de cama, bem mal. Isabel foi buscar remédio com o Dr. José Paiva, enteado dela. Graças a Deus papai já está bom.

Fuga da Maria de Sá:

Ah meu caro, vou te contar, estou com a cabeça no ar. Maria de Sá fugiu. Mandeí ela levar o café para os camaradas. Ela saiu chorando e falando:

- Vou sumir daqui, vou pular no rio, porque aqui eu não caso, não arranjo namorado porque a Glorinha acha ruim, eu não quero ficar solteirona.

Nisso bateu na porta, era a criada da Letícia dizendo que a Maria estava na Fazendinha e que tinha mandado buscar a mala, que ela quer morar lá e que não pretende mais voltar.

Papai disse:

- Ana, diga a Maria que a casa dela é aqui, diz para ela deixar de ser ingrata. Há 10 anos eu a trato como filha e minhas filhas sempre a tratam como irmã. Ela quando veio para cá não trouxe nada, aqui ela é a dona da casa e tem tudo.

Ana foi embora e papai disse a Zuza:

- Vai buscar a Maria, eu a quero bem, é uma coitada, sem ninguém por ela, uma maluquinha que devemos dar o desconto e a tratar com toda a caridade.

Zuza foi e voltou sem a Maria e contou que ela fez um escarcéu e que o Dr. Oscar fez pior falando que nós maltratamos a Maria e que ela não quer vir e é para deixarmos a moça em paz na casa dele.

Papai ainda ficou mais contrariado, dizendo que ia com o Promotor da Justiça tirar a Maria da Fazendinha. Eu estou rezando para o papai se aquietar, conformar e deixar a Maria, que ela fique por lá. Mas papai continua demandando questão perdida da Maria de Sá, está sozinho com essa idéia absurda. Mas papai é demandista. De fato, coitado, isto ele herdou do pai, o vovô, dono de uma rica fazenda de mil e tantos alqueires. Parou de demandar só quando ficou pobre, sem nada.

Eu não tenho o direito de me queixar da vida, sempre vivi na fartura. Agora, por exemplo, estamos atravessando uma crise perigosa, tudo está caríssimo: arroz, feijão, banha, nem é bom falar, tudo caríssimo. No entanto, só compramos açúcar, sal e querosene. O resto Deus nos dá com acréscimo, produção da Providência cobre as despesas das duas casas daqui e a da cidade.

Mas com o perdão da palavra, eu não me conformo de ver o papai, depois de velho e justamente agora na véspera da grande graça da chegada do nosso querido Padre Arimatheia, que devemos recebê-lo com rezas, eu estou no alge do desespero de ver o papai pra baixo e pra cima, gastando o que não tem com os advogados, esta classe de tapeadores.

Papai chegou aqui e me mostrou um papel escrito pelo advogado dizendo que vai registrar a Maria: papai como tutor e pais desconhecidos, Maria como menor.

Confesso que faltei com o respeito com o papai e disse-lhe:

- O Sr. acha que o tabelião vai acreditar nessa mentirada. Será que o Sr. ignora que este negócio só depende da Maria? Acha que ela passa por uma menor com a carpegueada como uma sanfona, prova que ela já passou dos trinta? Saiba papai, que para o Sr. trazer a Maria de volta para sua casa será preciso passar por cima do meu cadáver.

Mas perdi o requebrado. Papai com toda calma, pegou seu chapéu, pôs na cabeça, pegou a bengala e disse:

– Zuzá, vamos, a charrete está arreada.

Depois ele me estendeu a sua mão e me disse:

– Deus te abençoe minha filha, e que amanse o teu coração e te ponha na conserva de Deus.

E foi papear com o advogado. Eu só tenho que me agüentar aqui, não tem remédio, remediado está, seja feita a vontade de deus.



POUSO ALTO EM 1.940